

O PAPEL DA PSICANÁLISE NA PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO PRECOCE DO AUTISMO

Alexia Lavínia Holanda Gama¹, Jade Arruda de Carvalho Motta¹, Camila Amorim Polônio¹, Camila Rocha Vieira¹, Hyago Casimiro Mendes de Oliveira¹, Jacicarlos Lima de Alencar²

A primeira definição de autismo foi elaborada por Bleuler em 1911 para designar a perda do contacto com a realidade, gerando grande dificuldade ou impossibilidade de comunicação. Hoje, a psiquiatria define autismo como um transtorno invasivo do desenvolvimento caracterizado por um acentuado e permanente prejuízo na interação social, dificuldade de comunicação e padrões comportamentais estereotipados. Em contrapartida, do ponto de vista psicanalítico, esse conceito permanece indefinido e o transtorno não se enquadra como estrutura clínica neurótica ou psicótica, apresentando uma especificidade que diferentes gerações de psicanalistas vêm tentando caracterizar. Para a psicanálise, o diagnóstico definitivo precoce do autismo não tem papel primordial, podendo inclusive ser prejudicial, pelo impacto que traz às famílias, que podem assumir um comportamento de negação e fuga do tratamento instituído pela equipe interdisciplinar. A abordagem psicanalítica valoriza a detecção dos sinais clínicos de risco de autismo, os quais se manifestam desde os primeiros meses de vida, e a intervenção precoce, mesmo que o diagnóstico ainda não esteja consolidado. Baseado nisso, o projeto “Intervenção Precoce: Prevenção do Autismo 2015” visa captar crianças com sinais de suspeita de autismo de até quatro anos e instituir uma terapêutica multidisciplinar, em parceria com a fonoaudiologia e a terapia ocupacional, a fim de evitar que os distúrbios se instalem permanentemente, prejudicando o desenvolvimento da criança, e diminuir o impacto do problema em sua conjuntura familiar. Os objetivos do projeto ultrapassam essa intervenção, visando chamar a atenção dos poderes públicos e das instituições de saúde mental para uma forma mais humanizada de lidar com o autismo, promover o contato dos estudantes com a criança autista e oferecer um serviço à população menos favorecida. A intervenção precoce realizada no projeto é baseada em dois métodos: o Método Floortime e o Método dos 3I's. No primeiro, o profissional ou os pais envolvem-se em uma brincadeira de interesse da criança, que passa a comandar a situação e é então estimulada a realizar atividades de interação mais complexas. No

¹. aluna do curso de medicina, bolsista, alexialavinia6@gmail.com, aluna do curso de medicina, voluntária, jademotta@hotmail.com, aluna do curso de medicina, voluntária, camila.amorimp@gmail.com, aluna do curso de medicina, voluntária, camila_rochavieira@hotmail.com, aluno do curso de medicina, voluntário, hyagocasimiro@gmail.com;

². orientador, ccm, jacicarlos@ccm.ufpb.br

segundo, são desenvolvidas atividades de caráter individual, intensivo e interativo. A criança beneficiada pelo projeto faz sessões semanais com psicanalistas, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, além de receber visitas domiciliares dos estudantes envolvidos no projeto. Os resultados do projeto mostraram-se bastante satisfatórios, o que pode ser constatado a partir do salto no desenvolvimento de muitas crianças acompanhadas, das quais algumas, inclusive, afastaram-se do diagnóstico de autismo. As famílias também foram beneficiadas com um espaço em que podem trocar informações abertamente, trabalhando seus medos, anseios e comportamentos em relação ao infante. Em face disso, é possível diferir que a abordagem psicanalítica precoce utilizada pelo projeto é de suma importância para desviar a criança da suposta incurabilidade do autismo, visando um desenvolvimento mais expressivo e melhora na qualidade de vida das famílias.

Palavras-chave: abordagem psicanalítica, criança, distúrbios autísticos, saúde mental, terapêutica